

# Alimentação é cultura - aspectos históricos e culturais que envolvem a alimentação e o ato de se alimentar

## *Food is culture - historical and cultural aspects involving food and the act of feeding*

### ABSTRACT

ZUIN, L. F. S.; ZUIN, P. B. Food is culture - historical and cultural aspects involving food and the act of feeding. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* = J. Brazilian Soc. Food Nutr., São Paulo, SP, v. 34, n. 1, p. 225-241, abr. 2009.

*This article aims to highlight the historical and cultural aspects involving food and the act of feeding. Through a bibliographical study, we show that food is strictly a cultural act, as it is enclosed in educational activities that will be perpetuating through rituals, values and traditions. Thus, food and the act of feeding are beyond the nutritional aspects of food. Aiming to approach these issues, we bring a new concept to the nutrition theme within the educational processes.*

**Keywords: Food. Culture. Historical and cultural theory. Education.**

**LUÍS FERNANDO SOARES ZUIN<sup>1</sup>; POLIANA BRUNO ZUIN<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC – Campinas - SP.

<sup>2</sup>Departamento de Educação da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP - Rio Claro - SP.

**Endereço para correspondência:**

Rua Barão de Paranapanema, 368, apto. 94, Bosque, Campinas- SP.  
e-mail:

polianatbc@hotmail.com

## RESUMEN

*El objetivo de este artículo es presentar un estudio bibliográfico sobre aspectos históricos y culturales relacionados a la alimentación y el acto de alimentarse. La alimentación es estrictamente un acto cultural, porque permea actividades educativas que se perpetúan por medio de ritos, valores y tradiciones. Por lo tanto, la alimentación y el acto de alimentarse superan el elemento nutricional de los alimentos. Procurando abordar esos aspectos, discutimos una nueva concepción para el tema alimentación en el ámbito de las prácticas educacionales*

**Palabras clave: Alimentación. Cultura. Teoría histórico-cultural. Educación.**

## RESUMO

*Esse artigo objetiva evidenciar os aspectos históricos e culturais que envolvem a alimentação e o ato de se alimentar. Por meio de um estudo bibliográfico, mostramos que a alimentação é estritamente um ato cultural, pois está envolvida à atividades educativas que vão se perpetuando através de rituais, valores e tradições. Dessa forma, a alimentação e o ato de se alimentar ultrapassam os aspectos nutricionais dos alimentos. Procurando abordar esses aspectos, trazemos uma nova concepção para a temática alimentação dentro dos processos educativos.*

**Palavras-chave: Alimentação. Cultura. Teoria histórico-cultural. Educação.**

## INTRODUÇÃO

A temática “*alimentação*” quase sempre está associada a uma quantidade de proteínas, carboidratos e vitaminas que são necessárias ao organismo do indivíduo. Todavia, antes de se resumir a sua importância fisiológica para o homem, a alimentação é um ato cultural, sendo essencial para a constituição do indivíduo, da formação de sua identidade e para a preservação de sua cultura e história.

Nesse sentido, há diferenças bastante sólidas entre a atividade de se alimentar e de nutrir-se, pois a alimentação envolve fatores históricos e culturais, como rituais, emoções, memórias, entre outros.

Diversos autores foram utilizados a fim de que pudéssemos abordar a temática aqui ressaltada, entre eles destacamos: Hobsbawn, Malinowski, Cascudo, Paulo Freire, Vygotsky e Baktin. A escolha por esses autores, entre outros que compartilham de suas ideias, se deve principalmente a formação do homem como sujeito histórico e cultural, ou seja, um indivíduo que ao mesmo tempo em que faz a história é constituído por ela. Portanto, é imprescindível contextualizarmos o surgimento da cultura, das formas simbólicas criadas pelo homem, ou seja, como o homem vai se aculturando ao mesmo tempo em que tece a sua cultura por meio da alimentação, uma vez que essa se constitui como a primeira forma de aculturação do ser humano.

Muito mais que alimentar-se para nutrir-se, os homens têm a necessidade de se relacionar com outros homens. Nesse sentido, foi por meio dos alimentos que os homens, em comunhão, se organizaram culturalmente e socialmente.

Tanto sociólogos, antropólogos, filósofos e psicólogos concordam que a alimentação é uma das necessidades básicas do homem, e foi por meio da busca por aplacar essa necessidade, que os homens se organizaram criando, assim, a cultura. Esta, por sua vez, foi criada a fim de que fossem mantidos todos os saberes construídos pelos homens, surgidos mediante as suas necessidades básicas, como, por exemplo, a criação da agricultura para a subsistência.

Juntamente com a necessidade de se alimentar, surgiram outras necessidades, próprias da organização cultural a fim de melhorar as suas condições de existência. Os homens, então, criaram ferramentas ou instrumentos para os auxiliarem no trabalho e nas suas realizações, bem como a linguagem, ou sistema de signos, para que fosse possível a comunicação entre eles. Foi através desses instrumentos que permitiram a eles se comunicarem e organizar o pensamento e a vida em sociedade. Por essa razão, é fundamental o papel que desempenha a tradição cultural, pois somente, por meio dela, isto é, da transmissão de geração a geração de conhecimentos, é que uma cultura pode ser mantida. Desta maneira, evidenciamos a necessidade de se resgatar o valor histórico e cultural em torno da alimentação.

## DIFERENÇAS ENTRE NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO

São claras as diferenças existentes entre a atividade de se alimentar e de nutrir-se. Enquanto essa está relacionada ao conjunto de nutrientes necessários ao bom funcionamento

do corpo humano (visão mecanicista), como as vitaminas, proteínas e carboidratos, a primeira relaciona-se aos aspectos culturais que estão por trás da preparação e consumo dos alimentos.

Muito mais que alimentar-se para nutrir-se, o homem tem a necessidade de se relacionar com outros homens, por isso, na história da alimentação, desde os tempos remotos, os homens estão sempre em comunhão, com outros homens.

Assim, a alimentação e a atividade de se alimentar é algo histórico-cultural, ultrapassando o sentido de nutrir-se para sobreviver, uma vez que nela estão contidos aspectos culturais de uma determinada sociedade, comunidade e região como, por exemplo: rituais, tipos específicos de consumo de alimentos (geralmente legados há preceitos de uma religião), diferentes modos de manufatura e produção, entre muitos outros aspectos.

Como visto, enquanto a palavra nutrição está associada à ingestão de alimentos para suprir as necessidades básicas do organismo, sendo, portanto, um ato inconsciente e involuntário, a alimentação está ligada aos aspectos culturais em torno dos alimentos. Mas como demarcar tais diferenças?

A nutrição tornou-se uma ciência a fim de estudar o alimento relacionado aos aspectos fisiológicos do corpo, ou seja, as diversas etapas que um alimento sofre, desde a mastigação até a sua eliminação. Aliado a isso, essa ciência procurou investigar as substâncias que estão presentes nos alimentos, bem como de que forma essas substâncias influenciam no organismo, como absorção de nutrientes, metabolismos, entre outros aspectos.

Desta maneira, a nutrição envolve o estudo dos nutrientes que estão presentes nos alimentos, tais como: proteínas, carboidratos, gorduras, vitaminas e sais minerais. Por sua vez, o termo alimentação, segundo estudiosos, está ligado à atividade de se alimentar, sendo tal atividade um ato consciente e voluntário, ou seja, a alimentação estaria ligada à escolha e ingestão de alimentos.

Contudo, essa visão da alimentação começou a ser questionada com os estudos realizados por antropólogos, sociólogos e historiadores que passaram a analisar e identificar a alimentação como um aspecto cultural. Dessa forma, autores dessas áreas passaram a ressaltar os aspectos histórico-culturais que envolvem os alimentos e o ato de se alimentar, ressaltando as diferenças entre a nutrição e a alimentação (CASCUDO, 1977). Essas distinções residem nos rituais e costumes que envolvem a alimentação. Apresentando um modelo de jantar mineiro, é analisado as diferenças existentes entre servir um jantar de família e servir um banquete, salientando os diferentes tipos de rituais para cada ocasião. Esses rituais são definidos, como regras de servir a mesa, que vai desde a toalha na mesa, à disposição de talheres, pratos, guardanapos, tipos de alimentos, entre outros aspectos.

Carneiro (2003) salienta que a alimentação é um fato da cultura material de uma sociedade, fazendo parte de sua infraestrutura e de sua superestrutura social, ou seja, a alimentação é:

[...] um fato ideológico, das representações da sociedade – religiosas, artísticas e morais – ou seja, um objeto histórico complexo, para o qual a abordagem científica deve se multifacetada. (CARNEIRO, 2003, p. 166).

Diante disso, observamos que grande parte dos historiadores e antropólogos concorda que a necessidade da alimentação ultrapassa o sentido do nutrir-se, pois o homem é um ser puramente comensal, isto é:

[...] a fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos variáveis desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais, etiquetas. [...] O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come e com quem se come. (CARNEIRO, 2003, p. 1-2).

Por fim, verificamos que as diferenças entre alimentar-se e nutrir-se, ainda que se relacionem, são explícitas; enquanto esta se relaciona ao aspecto biológico, químico dos alimentos, a segunda, se refere a todos os aspectos culturalmente criados.

## **A CULTURA COMO CONSTRUÇÃO HUMANA**

A cultura é constituída pelo conjunto integral de instrumentos (utensílios e demais bens materiais) e pelo corpo de normas que regem os diversos grupos sociais (ideias, artesanatos, crenças e costumes), todos esses advindos dos signos criados pelo homem (MALINOWSKI, 1948).

Ao se considerar a cultura, seja ela simples ou complexa, estaremos sempre na presença de um vasto aparato material e sócio-cultural, tal como salientou Bakhtin (2003) e Vygotsky (1993).

Uma teoria da cultura, em primeiro lugar, deve-se basear nos fatos biológicos dos seres humanos, isto é, como espécie animal esses estão sujeitos às condições elementares que devem ser supridas a fim de que possam sobreviver, como a satisfação de suas necessidades básicas ou orgânicas, tal como a necessidade de se alimentar. Essa necessidade básica estaria relacionada ao reflexo inato, tal como salientou Krapivine (1986). A fim de suprir tal necessidade o homem criou, então, um ambiente artificial e secundário, ou seja, a cultura ou um nível cultural de existência. Um nível cultural de vida significa o surgimento de novas necessidades impostas à conduta humana, tais como a relação social, criação de instrumentos, de signos, tradições, rituais, entre outros aspectos.

Com o intuito de satisfazer as necessidades básicas (ou reflexos inatos) de seu organismo, o homem teve que providenciar e desenvolver atividades que o levasse a se alimentar, aquecer-se, vestir-se e proteger-se do frio e das demais intempéries. Tais problemas foram solucionados pelos indivíduos com ferramentas, mediante a organização em grupos.

De acordo com Malinowski (1948), pode conceber-se cultura, conforme segundo a qual as necessidades básicas e sua satisfação cultural se ligam às novas necessidades culturais que impõem ao homem e a sociedade um tipo secundário de determinismo como, por exemplo, conhecimento, religião, política, educação. Esses imperativos podem ser divididos em dois grupos: os instrumentais e os integrativos. O primeiro grupo é constituído pelos diferentes tipos de atividades que exercem os homens, como a atividade econômica, normativa, educação e política. O segundo refere-se ao conhecimento e à religião.

Todavia, para que fosse mantido esse nível cultural de vida, era extremamente necessário que todos esses saberes construídos pelo surgimento de tais necessidades, fossem mantidos. Por essa razão, é fundamental o papel que desempenha a tradição cultural, pois somente, por meio dela, isto é, da transmissão de geração a geração, é que uma cultura pode ser mantida.

Foi durante esse processo histórico e cultural, como bem ressaltou Freire (2001), que homens e mulheres, a fim de perpetuar a cultura, foram criando métodos de ensino-aprendizagem para que fosse possível perpetuá-la, bem como todos os conhecimentos historicamente construídos por eles.

Nesse sentido, é que Malinowski (1948) exalta que em toda cultura há métodos e mecanismos de caráter educativo. Ele relata que em qualquer comunidade é necessário que existam alguns dispositivos para sancionar os costumes e as normas éticas e legais. Para tanto, são indispensáveis algumas formas de organização econômica. A análise científica da cultura delineada pelo autor mostra-nos um sistema de realidade que também se conforma às leis gerais e, em consequência, pode ser usado como guia para o trabalho de campo, como meio de identificação de realidades culturais e como base de condução social. As análises do autor visaram definir a relação entre um comportamento cultural e uma necessidade humana, básica ou derivada, denominada por ele de funcional (relativo às funções vitais).

Essa faculdade não admite ser definida somente como a satisfação de necessidades por meio de uma atividade nas quais os seres humanos cooperam, usam utensílios e consomem mercadorias. Ainda, esta simples definição implica outro princípio com o qual podemos integrar concretamente qualquer fase do comportamento cultural. Este conceito essencial é o de organização, com o propósito de se atingir qualquer objetivo ou alcançar um fim, os homens devem se organizar. Desta maneira, a organização implica em um esquema ou em uma estrutura muito bem definida, cujos principais fatores são universais, aplicados a qualquer grupo organizado em toda a extensão do gênero humano.

O conceito de organizações humanas institucionais implica em um acordo sobre uma série de valores tradicionais ao redor dos que se reúnem aos seres humanos. Tal fato significa que esses seres mantêm uma definida relação com o ambiente natural e artificial. Assim, é de acordo com o estabelecido para o seu tradicional propósito ou mandato, obedecendo às normas específicas de sua associação, e trabalhando com os equipamentos materiais que manipulam, os homens vão atuando juntos e, assim, satisfazendo alguns de seus desejos

e a reprodução no meio circundante. Os dois tipos de análises, funcional e institucional, permitiram definir a cultura de forma mais concreta.

A cultura é um composto integral de instituições, conforme Malinowski (1948), em parte autônomas e em parte coordenadas. Está constituída por uma série de princípios, tais como: a comunidade de sangue através dos descendentes, o contato no espaço, relacionado com a cooperação, as atividades especializadas e, por último, o uso do poder na organização política. Assim, cada cultura alcança sua plenitude e autossuficiência pelo fato de satisfazer um conjunto de necessidades básicas, instrumentais e integrativas.

De acordo com Freire (2006), a cultura, assim como a história, é uma criação social do ser humano, isto é, do *saber* humano, do *fazer* humano e do *criar* humano. Conforme salienta o autor, a cultura humana não é inocente, uma vez que qualquer experiência significativa realiza-se como cultura e dentro de uma cultura.

Desta forma, o que sentimos, o que pensamos, o que falamos, o que criamos e transformamos, tudo isso, são momentos do trabalho criativo da realização da pessoa humana no contexto de uma cultura.

A cultura está, assim, em todas as esferas da sociedade humana envolvendo tanto o produto do trabalho, como uma mesa, um livro, quanto os modos de manufatura dos mesmos; assim, a cultura é, também, parte que fundamenta a dimensão política e econômica da vida social, pois os mesmos símbolos e os mesmos significados podem estar disponíveis a todos os homens e mulheres, a fim de que possam dialogar. Portanto, princípios de convivência, regras de sociabilidade, ideias científicas, filosóficas ou religiosas, valores éticos, são tudo fruto da criação humana (SOUSA, 2001).

Diante do exposto, a cultura também está presente na alimentação, pois essa ultrapassa a necessidade de nutrição, tal como ressaltamos no primeiro capítulo dessa obra. O ato de alimentar-se é também cultural, como poderemos verificar a seguir.

## **A FORMAÇÃO DA CRIANÇA E DE SEU PALADAR**

A família é a primeira instituição na qual a criança tem contato. Desta maneira, todas as aprendizagens de uma determinada cultura, na primeira infância, são frutos de sua relação com a família. Sendo, o primeiro sistema social responsável por transmitir, para os seus membros, os seus valores, costumes e história, ele é a primeira referência identitária da criança. Para Bakhtin (1995, 2003) e Larrosa e Lara (1998), a identidade se constitui na relação de *alteridade* (alteridade significa a relação do eu com o outro, compreendendo que o outro é fundamental para a constituição do eu), isto é, na relação do “eu” com o “outro”, por meio da mediação *sígnica* de valores, história e cultura. Assim, as mediações que ocorrem nessa instituição são de fundamental importância para a constituição da criança.

Da mesma forma que a família exerce um importante papel na transmissão de valores, costumes, e outras infinitas habilidades, por exemplo, a aprendizagem da linguagem

verbal, o mesmo ocorre com a alimentação. Esta também é influenciada pelo contexto social no qual vivemos.

A família possui um papel essencial na determinação de nossas futuras escolhas alimentares. Esse fenômeno ocorre porque na tenra infância aprendemos por imitação, de maneira que gostamos de alimentos que agradam as pessoas de nossa convivência. Dado a esse fato, crianças só irão comer e apreciar alimentos que fazem parte da alimentação daqueles a que elas convivem.

Assim, nossas atitudes em relação à comida são, normalmente, aprendidas durante a nossa infância, tal como salienta Mintz (2001), sendo mediatizadas por adultos afetivamente poderosos, o que confere ao nosso comportamento um poder sentimental duradouro. Desta forma, os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar, assim como, as formas sociais aprendidas por meio dele, permanecem em nossa consciência. É o caso do feijão, para muitas pessoas, ele é um prato muito apreciado e que remete sempre à comida e ao preparo da mãe, de forma que acaba tendo um sabor todo especial.

Sabendo-se que o alimento é uma das primeiras formas de contato da criança com a sua cultura, são os alimentos consumidos na tenra infância que o ser humano tende a ficar identificado ao longo da sua vida.

No entanto, na atualidade, a história familiar - sua memória, sua organização e seu patrimônio cultural - tem sido esquecida, não só no que se refere à alimentação, mas a outros valores. As novas famílias têm deixado de transmitir para os seus filhos os costumes das relações familiares, os rituais que nelas estão inseridos, os valores construídos por gerações.

Tal fato tem levado às novas famílias a não mais possuírem as receitas que há gerações se encontravam à mesa. Pais e mães já não cozinham, sendo rara a geração de 15 a 30 anos de idade que sabe cozinhar as receitas da mãe ou da avó. Assim, como são raras as famílias que passam uma manhã de domingo preparando um almoço para toda a família.

O fato das famílias não mais transmitirem suas tradições aos filhos, tradições essas que se passam pela mesa (sendo este *passar* um ato simbólico e de relação social como veremos), tem feito com que as novas gerações percam muito do que vem atrelado à ação de comer junto e preparar junto os alimentos consumidos.

Desde tempos remotos, a comida possui a função de unir as pessoas, pois a cozinha sempre foi um espaço de encontro e de partilha, uma vez que a comida está intimamente ligada à história do homem, sendo ela uma das primeiras formas de constituição *identitária*.

Na cozinha, prevalece a arte de elaborar os alimentos e de lhes dar sabor e sentido. Nela, há a intimidade familiar e a afetividade. Ainda, nela, despontam as relações de gênero, gerações, emoções e atividades que traduzem uma relação do homem *no mundo e com o mundo*.

Os benefícios elencados por psicólogos, educadores e sociólogos, não se circunscrevem apenas à formação do indivíduo no que tange à sua integridade psicológica e formação de sua identidade, mas, também, na perpetuação dos valores historicamente construídos.



Desta forma, o não preparo dos alimentos, juntamente com os familiares, consagrando as receitas e histórias de gerações, faz com que a memória histórica de um grupo e de gerações não sejam mantidas, uma vez que a tradição também se relaciona às memórias, recordações e costumes.

## SURGIMENTO DAS TRADIÇÕES

Juntamente com o surgimento da cultura nasceram as tradições a fim de que ajudassem o homem a transmitir os saberes construídos historicamente. Tais tradições buscavam ainda, preservar a história particular de uma família, geração, região e país. Dessa forma, o homem também inventou as tradições, utilizando a história como amálgama para a interação e coesão social entre eles.

O conceito de tradição está intimamente ligado à história de uma cultura. Transmitidos e conservados de geração em geração por meio de relações de ensino-aprendizagem, a tradição se manifesta por meio de valores, crenças e rituais.

Sendo uma forma de perpetuar conceitos e experiências, a tradição deve ser analisada em seu contexto próprio local, pois as tradições são elementos constitutivos da cultura e das relações de aprendizado social em diferentes contextos, tais como o âmbito familiar, alimentar, acadêmico, entre outros (ZUIN; ZUIN, 2008).

As tradições são assim, transmitidas por meio da linguagem (seja ela oral, gestual ou escrita), uma vez que a linguagem é essencial para a apreensão de qualquer construto cultural, pois ela é a mediação do homem com a cultura. Somente por meio dela é que os homens podem se comunicar e viver em comunhão uns com os outros. Mediante isso, notamos que as tradições se utilizam de diversos instrumentos (história, linguagem, rituais, costumes, símbolos, entre outros) a fim de que possam se realizar e se manter.

As tradições são invenções dos homens e foram com o passar do tempo institucionalizadas. Segundo salientam Hobsbawn e Ranger (2006), elas podem ser classificadas, de forma genérica, em dois tipos: a *tradição genuína* e a *tradição inventada*. Por tradição genuína, entende-se como sendo àquela em que os velhos usos ainda se conservam, onde ainda se cultivam os antigos costumes por meio de rituais e costumes, ou seja, a tradição genuína só existe em lugares, países e sociedades em que o passado é ainda um modelo para as formas de comportamento humano.

Por outro lado, o conceito de “*tradição inventada*”, é entendido como algo criado recentemente, sendo entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras que se configuram por formas simbólicas ou pelo uso de rituais, objetivando adicionar valores e normas de comportamento por meio da repetição, favorecendo a perpetuação do passado a um futuro. A “*tradição inventada*” foi elaborada a partir das transformações da vida em sociedade, uma vez que as velhas tradições, também criadas, já não satisfaziam as necessidades dos homens.

Assim, a invenção das tradições tornou-se, e ainda, torna-se, mais premente em sociedades em que a transformação destrói os antigos padrões sociais que foram estabelecidos pelas velhas tradições, as genuínas. A incompatibilidade dos novos padrões sociais em relação às velhas tradições fez e continua fazendo com que novas tradições sejam inventadas. A adaptação das velhas tradições só ocorre quando é preciso conservar velhos costumes em novas condições sociais e culturais. A igreja, os tribunais, as universidades, entre outros, foram algumas das instituições que tiveram que se adaptar às mudanças sociais e culturais.

Diante disso, as novas tradições contêm em seu bojo elementos antigos, onde as tradições inventadas estão alicerçadas em um passado histórico apropriado, pois, somente assim, uma tradição inventada, pode ser estabelecida; portanto, esse passado não necessariamente precisa ser remoto, mas basta que seja coerente a ele.

As “tradições inventadas” são ainda, construídas a partir de antigos rituais, simbolismos e princípios morais. A finalidade da tradição, mesmo da “tradição inventada”, é a invariabilidade, pois o passado real ou forjado, a que elas se referem, impõe práticas fixas por meio da repetição, por isso, há a necessidade de se criar e se dispor da ritualização.

Diante do exposto e partindo de um referencial teórico em que o homem está no mundo e com o mundo, portanto, ao mesmo tempo em que ele é fruto da história, ele a cria, acreditamos que todas as tradições foram inventadas, isto é, criadas em algum momento e readaptadas de acordo com as novas necessidades que foram surgindo. Portanto, fica-nos difícil classificar se a tradição ou as tradições alimentares e os aspectos culturais que a envolve foram inventadas ou são genuínas.

O que podemos afirmar, é que essa obra, não busca *inventar* uma tradição relativa à alimentação, mas resgatar àquela tradição construída e transmitida há diversas gerações, àquela responsável pela comunhão entre os homens, pelo respeito ao outro como humano, responsável pela transmissão de valores morais que estão sendo perdidos, ou que já foram perdidos em diversas instâncias da vida cultural e social, àquela tradição, cheia de ritos, ao redor da mesa.

A mesa, ao redor da qual se realiza comensalidade, é uma das referências mais fundamentais da familiaridade humana. À mesa se fazem e se refazem continuamente as relações familiares. A mesa, antes que um móvel, remete a uma experiência existencial e a um rito. Ela representa lugar privilegiado da família, da comunhão e da irmandade. Partilha-se o alimento e junto com ele comunica-se a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, a comunhão direta que se traduz pela não cerimônia dos comentários dos fatos cotidianos, das opiniões sem censura dos acontecimentos da história local, nacional e internacional. À mesa, além dos familiares, podem estar os amigos e os hóspedes. É à mesa que todos nos sentimos, de certa forma, membros da família humana. (BOFF, 2006, p. 9-10).

As transformações sociais ocorridas, no final do século XX, provocaram mudanças profundas nos relacionamentos pessoais. O surgimento do *fast food* pode ser um exemplo de tais transformações. As mudanças econômicas e sociais, como a saída de casa da mulher para o mercado de trabalho contribuiu para que mudanças essenciais em termos de alimentação e de como se alimentar se firmassem, acabando (ou adormecendo) as antigas tradições pertencentes a esse âmbito, como vimos é raro que uma mulher, na faixa etária de 15 a 30, anos dos grandes centros urbanos, que saiba cozinhar, e sinta prazer nesse ato. Diante disso, é essencial que se resgate todo o aspecto histórico-cultural envolto à ação de se alimentar.

Na Europa, há alguns anos surgiu um movimento criado a fim de se resgatar essas tradições. Esse movimento, denominado *slow food* objetiva resgatar antigos hábitos, relacionados à manufatura e consumo dos alimentos tradicionais (e regionais), a comportamentos e rituais, que se estabeleçam a fim de se preservar a história de toda uma cultura e região. Esse resgate é mais perceptível nos países e cidades em que ainda são enaltecidas como ideais as antigas formas de comportamentos, como na Itália. No Brasil, o resgate às tradições ainda caminha a passos curtos, contudo, há várias regiões que ainda preservam os antigos costumes e os rituais das tradições passadas de geração em geração como algumas cidades do interior de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia, entre outras.

Outro fato interessante, é que os países, cidades, regiões ou famílias que valorizam as antigas tradições alimentares, são àquelas que são eminentemente religiosas. Cujos princípios morais e éticos fazem parte do seu contexto social, pois a alimentação e o alimento em si não são vistos apenas como algo material, mas símbolos do encontro, partilha e comunhão (BOFF, 2006).

Diante do exposto, as tradições são transmitidas de geração em geração com a finalidade de preservar a história de uma cultura, uma sociedade e uma família, para tanto, ela se detém de rituais a fim de que possa sobreviver.

## CONTEXTO E SIGNIFICAÇÃO DOS RITUAIS

Os rituais estão relacionados a diferentes tipos de eventos (PEIRANO, 2001), formalizados e estereotipados, o que facilita a sua identificação e análise, ou seja, o ritual é realizado para reafirmar e renovar os valores culturais de uma determinada cultura e sociedade. Sobre os rituais como atos de sociedade, enuncia que esses são os *“meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente”* (DURKHEIM, 1996, p. 422). Embora, Durkheim (1996) não compartilhe da mesma linha teórica trabalhada nessa obra, não podemos deixar de considerá-lo, pois, é por meio dos rituais, tal como ele ressaltou, que embutimos valores e comportamentos.

Dessa maneira, os rituais podem ser considerados como símbolos de identidade cultural de uma determinada cultura nos proporcionando reconhecer e perpetuar o passado. A antropologia é uma das áreas do conhecimento científico que estuda e conceitua o que vem a ser os rituais, pois ela estuda o homem e a cultura numa relação de

interdependência. Na antropologia, a análise de um ritual se faz por meio da etnografia, procedimento metodológico a fim de perceber características típicas de cada cultura.

Conforme a antropologia contemporânea, os rituais não são executados apenas dentro do domínio político-religioso, mas, também, no dia a dia das pessoas. Apesar de suas diferentes definições, os rituais possuem características comuns, como estrutura definida, repetição e disseminação de valores culturais vigentes. Para essa ciência, os rituais ainda, não são apenas símbolos, mas também, fatos psicossociais. Por tal razão, são diversos os mediadores que estão por trás da tradição e dos rituais, o que nos permite verificar e identificar que toda criação humana é embutida de aspectos histórico-culturais, reforçando a alimentação como um ato estritamente cultural, tradicional, ritualizado, cheio de aspectos simbólicos, sgnicos e, portanto, psicossociais.

Como vimos, as tradições se perpetuam e se consolidam por meio do processo de ritualização. Na alimentação, temos marcas desses rituais desde o início da história da humanidade, uma vez que ela foi uma das necessidades básicas do homem. Diante desse fato, quando pensamos na alimentação como elemento cultural, verificamos que esta é um dos principais instrumentos de estabelecimento de rituais e que ainda mantém a tradição, e quando não, sendo um dos campos em que é possível o seu resgate, uma vez que a alimentação é uma das necessidades básicas do homem.

Os ritos estão relacionados não somente ao tipo de alimento e bebida consumidos, mas, também, aos diferentes modos de seu preparo, de sua colheita e de seu cultivo. Nas nossas refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar) estamos envolvidos por rituais que se iniciam na preparação e escolha do tipo de alimento a ser consumido, bem como ao uso dos utensílios a serem postos na mesa ou que foram empregados durante o seu preparo. Esses rituais variam de cultura a cultura, todavia eles não deixam de ser universais, já que em todas elas os rituais fazem parte do ato de se alimentar.

## **TRADIÇÃO E RITUAIS NA ALIMENTAÇÃO**

A história da alimentação é permeada de rituais ligados à tradição que foram passadas de geração em geração. Os rituais, tal como já evidenciamos, fazem parte do cultivo dos alimentos, de seu preparo e de sua ingestão, ou seja, o ato de se alimentar é carregado de significados estabelecidos socialmente.

Como dissemos anteriormente, nos alimentamos não apenas de nutrientes, mas, também, de toda a história que constitui esse alimento, pois as práticas alimentares são ritualizadas, embora muitas pessoas não têm consciência disso. A alimentação é mais que uma necessidade biológica e nutricional, afirma Carneiro 2003, ela é um complexo sistema que se materializa em hábitos, ritos e costumes. As regulamentações alimentares estão presentes na distinção social por meio do paladar, na construção dos papéis sexuais e das identidades étnicas, nacionais e regionais, assim como nas prescrições religiosas.

Para exemplificarmos os rituais na alimentação, podemos entrar no campo da religião, onde observamos várias regras, tal como os jejuns que ocorrem em determinação de rituais religiosos, a esse respeito é salientado que:

As regras alimentares servem como rituais instauradores de disciplinas, de técnicas de autocontrole que vigiam a mais insidiosa, diuturna e permanente tentação. Domá-la é domar a si mesmo, daí a importância da técnica religiosa dos jejuns, cujo resultado também permite a obtenção de estados de consciência alterada propícios ao êxtase. (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Mas não é apenas nas diversas religiões que a alimentação exerce um papel relevante, em outras instâncias, tal como a família, ela é de fundamental importância, uma vez que o alimento também influencia comportamentos, modos de agir, sentir e pensar. Estudos realizados pelo *National Center on Addiction and Substance Abuse*, da Universidade de Columbia, demonstraram que as crianças e adolescentes que compartilham de refeições junto aos pais têm menos problemas com cigarro, bebidas e drogas. Os dados desses estudos anunciam ainda, que essas crianças e adolescentes são menos suscetíveis à depressão e ao desenvolvimento de transtornos alimentares, indo melhor na escola e iniciando a sua vida sexual mais tardiamente.

Alguns psicólogos dizem que tais fatos se devem justamente ao diálogo presente nas refeições. É nessa hora que os pais ensinam a seus filhos valores e atitudes, transmitem a eles afetos, e é nessa hora que eles aprendem a comer, isto é, *como* e o *que* comer.

Nas teorias de alguns autores, como Bakhtin (2003) e Freire (2006), o diálogo, isto é, a comunicação possui um papel central na formação da identidade, é por meio dessa ação, salienta Vygotsky (1993), que interagimos com o outro e nos apropriamos da cultura historicamente construída. O diálogo proporciona a apreensão da realidade concreta, de sua problematização e conscientização (FREIRE, 2006). O diálogo ainda nos ajuda a melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la. Portanto, os homens se constituem e são constituídos no processo de interação, de forma que o mundo humano é um mundo de comunicação, sendo a mesa, o lugar dessa interação e comunicação, isto é:

A mesa, ao redor da qual se realiza a comensalidade, é uma das referências mais fundamentais da familiaridade humana. À mesa se fazem e se refazem continuamente as relações familiares. (BOFF, 2006, p. 9).

[...] a mesa continua sendo entre nós e em todo o mundo, um elemento cordial de entendimento, de solidariedade, de integração, de amizade, de alegria e de valorização da vida. (ARROYO, 1977, p. 95).

## **APROPRIAÇÃO DA CULTURA, DA TRADIÇÃO, DOS RITOS E COSTUMES REFERENTES À ALIMENTAÇÃO - PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

A atividade humana é mediada por uma infinidade de elementos: como relações interpessoais; objetos ou instrumentos; necessidades e finalidades; valores e interesses; entre outros.

Qualquer conhecimento construído historicamente necessita da relação de ensino-aprendizagem para ser transmitido e apreendido. É por meio dessa relação que nos apropriamos da cultura, dos costumes e de todas as coisas que estão ao nosso redor.

Como bem salientou Vygostky (1991), a criança, ainda bebê, apreende o mundo exterior, graças ao gesto como um signo visual para a criança. A mãe ou o pai, assim como qualquer mediador, ao apontar um objeto à criança e denominá-lo, faz com que ela vai apreendendo esse mundo *sígnico* e simbólico. É dessa maneira que vamos tendo o primeiro contato com a cultura historicamente construída, daí a importância da família, assim como, das demais relações sociais, na aprendizagem cultural que acontece na primeira infância. Há um típico exemplo, muito utilizado na psicologia, que conta a história de duas meninas indianas, que ainda bebês, foram abandonadas em uma floresta e criadas por lobos, e, assim, desenvolveram comportamentos semelhantes aos daqueles que a criaram, como o uivo e o andar de quatro. Ao serem encontradas por humanos, elas não conseguiram se adaptar à cultura, sobrevivendo poucos anos, sem nunca ter aprendido a falar, ler e a usar o banheiro. Esse relato nos demonstra que a mediação daqueles que nos circundam é decisiva para que tenhamos comportamento tipicamente cultural.

Conforme Paulo Freire (2001), o ser humano, *homens e mulheres*, sendo históricos vão se constituindo nas relações sociais e culturais, por meio do processo de ensinar e aprender. O homem é um sujeito que é construído e constituído nos contatos sociais, em que as relações de ensino-aprendizagem desempenham um papel central na sua formação. É por meio das relações sociais, que se estabelecem graças à linguagem, que ocorre a apropriação da cultura construída pelo próprio homem.

Esse processo de interação e apropriação, que ocorre mediante situações de ensino e aprendizagem, podem ser formais ou informais, conforme relata Freire (2001). As situações formais de aprendizagem ocorrem em uma instituição específica denominada escola, pois essa é a responsável pela transmissão de saberes científicos. Na relação formal de ensino-aprendizagem, o processo é encaminhado por um educador que tem como profissão, o ensinar. Aqui ele deve ser consciente das escolhas, dos valores e finalidades dos conteúdos a ser ensinados e aprendidos, pois na educação formal a mediação deve ser sempre intencional.

Já nas situações informais de ensino-aprendizagem, as mediações podem ser intencionais, contudo os saberes transmitidos e ensinados ocorrem nos diferentes âmbitos da vida, como na família, nos círculos de amizade, entre outros. Os conteúdos transmitidos e

ensinados, não precisam necessariamente ser científicos, mas podem ser saberes referentes ao cotidiano. A divisão entre conceitos científicos e cotidianos foi realizada por Vygostky (1993) ao estudar a formação e o desenvolvimento do pensamento por conceitos (Os conceitos são os significados dos signos criados pelo homem).

Sabendo que a aprendizagem só ocorre por meio da relação intrínseca entre ensinar e aprender, Freire ressalta que foi necessário aos *bomens e mulberes* desenvolver diferentes maneiras de ensinar, criando os métodos de ensino. Os métodos de ensino podem ser conceituados de acordo com diferentes teorias que a elas se atrelam, porém todos contemplam uma visão diferente de mundo, de sujeito, de linguagem e de aprendizagem.

Segundo Freire (2001), o processo de ensinar e de aprender são processos que se interrelacionam, pois no modo de ensinar já está contido o ato de aprender, de maneira que um inexistente sem o outro. Entendendo o ato de ensinar interrelacionado com o ato de aprender, esse processo, conforme o autor, ocorre apenas por meio da linguagem ou comunicação. Segundo o autor, a linguagem, fundamental para a comunicação, se manifesta sempre sob a forma de diálogo. Diálogo, porque a comunicação pressupõe sempre o outro para que seja possível uma troca linguística. Diálogo, porque a fala do outro sempre invoca no sujeito uma atitude responsiva.

Essa maneira de se conceber a linguagem, está relacionada à maneira de se conceber o indivíduo, um sujeito que é construído e constituído historicamente por meio de suas relações com o mundo e que, portanto, não se apresenta como um sujeito passivo; ao contrário, é um sujeito que carrega toda uma história e sentidos relacionados às suas vivências e memórias. Diante disso, a concepção de aprendizagem baseada nesse pressuposto, parte de que o educando é um sujeito ativo e que já traz experiências, vivências, aprendizagens anteriores, devendo o processo de ensinar e aprender estar associados a esse contexto já vivenciado pelo educando.

De acordo com Freire (2001), o diálogo também pode ser problematizador. Essa denominação dada pelo autor se deve à tarefa que cabe ao educador desenvolver, isto é, de fazer com que o educando reflita e pense criticamente a respeito das coisas que estão ao seu redor. Ao fazer o educando pensar criticamente, o educador cria a possibilidade para a produção e construção do conhecimento.

Diante disso, na teoria de Freire, o educador não transfere seus conhecimentos aos educandos, que supostamente sabem menos, ao contrário, os educandos são sujeitos ativos, que constroem seus conhecimentos no processo de interação e reflexão das coisas ao seu redor. É por essa razão que o autor critica o ensino como transferência de conhecimento, porque qualquer aprendizagem necessita da construção de conceitos e elaboração de sentidos.

Assim, no processo de formação do homem, um ensino significativo, que considere o contexto ao qual o educando está inserido, é de fundamental importância. Pensando nessa forma de se conceber o homem e a relação de ensino-aprendizagem, é que

evidenciamos o quanto é essencial a aprendizagem ligada à alimentação e ao ato de se alimentar. Ressaltar para a criança que a alimentação também possui a sua história, ligada a uma cultura, a uma região, a um modo específico de preparo e de produção agrícola é de fundamental importância para que a criança aprenda a pensar criticamente sobre os alimentos que consomem.

Trabalhar com conceitos relacionados à tradição, aos rituais, costumes, à importância de se alimentar à mesa, junto com a família, a que tipos de alimentos consumir, são alguns dos temas que devem ser abordados pela educação, tanto formal (escola) quanto informal (família).

Dessa maneira, “transmitir” valores e rituais, por meio de situações de ensino e aprendizagem significativas, é indispensável para a perpetuação da cultura historicamente construída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste artigo, mostrar os aspectos históricos e culturais que envolvem a alimentação e ato de se alimentar. Para tanto, quisemos salientar as diferenças entre nutrição e alimentação, enfatizando que essa enquanto produto cultural está envolta à tradições, rituais, relações afetivas, etc. Enfatizamos assim, o papel da tradição como responsável por preservar os costumes socioculturais das antigas gerações, salientando que ainda que os rituais se modifiquem com o passar do tempo, continuam a preservar muitos dos elementos tradicionais de nossos antepassados, confirmando a sua importância como mediadores entre o passado, o presente e o futuro. Procuramos, ainda, evidenciar que a história de um indivíduo está ligada à história de uma cultura, de uma família e de um grupo social, salientando a importância da família como primeira instituição responsável pela formação e aprendizagem das crianças, também, ao que se refere ao ato de se alimentar.

## REFERÊNCIAS/REFERENCES

- ARROYO, L. A mesa em São Paulo. In: CASCUDO, L. C. (Org.). *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BOFF, L. Virtudes para um outro mundo possível. In: BOFF, L. *Comer e beber juntos e viver em paz*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, v. 3.
- BRANDÃO, C. R. Hoje, tantos anos depois... In: SOUZA, A. I. (Org.) *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.



- CASCUDO, L. C. (Org.). *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007a.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007b.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia - saberes necessário à prática educativa*. 19ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 46ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- HOBBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KRAPIVINE, V. *Que é o materialismo dialético?* Moscou: Edições Progresso, 1986.
- LARROSA, J., LARA, N. P. de. *Imagens do outro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MALINOWSKI, B. *Una teoría científica de la cultura y otros ensayos*. Traducción de A.R. Cortazar. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1948.
- MINTZ, S. W. Comida e Antropologia: uma revisão. *Rev. Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 31-42, 2001.
- PEIRANO, M. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: PEIRANO, M. (Org.). *O dito e o feito, ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (Coleção antropologia da política, v. 12).
- SOUSA, A. I. (Org.). *Paulo Freire vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, 1991. Tomo I.
- VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas*. Madri: Visor, 1993. Tomo II.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 7ª ed. São Paulo: Ícone, 2001.
- ZUIN, P. B. Linguagem, Sujeito e Consciência – um enfoque materialista. In: MIOTELLO, V. *Veredas bakhtinianas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.
- ZUIN, L. F. S.; ZUIN, P. B. *Produção de alimentos tradicionais – extensão rural*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.
- ZUIN, P. B.; REYES, C. R. *Os mediadores que influenciam no processo de apropriação da correta notação gráfica*. 2004. Dissertação (Mestrado) - UFSCar, 2004.

Recebido para publicação em 31/05/08.

Aprovado em 05/11/08.